



VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 22ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**. Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, aqui vai aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(as) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



No palco do CCJF, a Banda Cadillac anima o público em uma noite inesquecível com clássicos da Jovem Guarda

Show da Banda Cadillac celebra sucessos da Jovem Guarda no CCJF

No dia 5 de fevereiro, o teatro do **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu o show da *Banda Cadillac*, com o espetáculo *Cadillac - Na Estrada com Roberto e Erasmo*. A apresentação ofereceu ao público uma viagem pela memória afetiva da *Jovem Guarda* e da música brasileira, com versões dançantes e cheias de energia de sucessos de Roberto Carlos e Erasmo Carlos. Com arranjos modernos e influências do *rock'n'roll*, o grupo revisitou clássicos que marcaram gerações, reunindo o público em uma noite dedicada à celebração de um dos períodos mais emblemáticos da música popular brasileira.

No repertório da noite, quem estava na plateia pôde acompanhar releituras emocionantes de canções que se tornaram marcos da *Jovem Guarda*, movimento musical que

Mês de março no CCJF é dedicado ao protagonismo feminino na cultura e na arte



Durante todo o mês de março, CCJF terá a temática feminina como protagonista da programação.

Realizada pelo 3º ano consecutivo, a [Mostra Mulheres em Cena](#), foi criada a partir do compromisso do CCJF às questões atuais, em um contexto marcado por conquistas importantes das mulheres nas últimas décadas, mas sem esquecer das desigualdades persistentes e da violência de gênero — que segue produzindo

ganhou grande projeção no Brasil a partir da década de 1960. Com interpretações cheias de energia, a *Banda Cadillac* apresentou sucessos como “*Splish Splash*”, “*Quero que Vá Tudo para o Inferno*”, “*É Preciso Saber Viver*”, “*Lobo Mau*” e “*Minha Fama de Mau*”. As músicas, que continuam sendo lembradas, ganharam novos arranjos com influências do *rock*, mantendo a essência das composições enquanto dialogavam com diferentes gerações presentes no Teatro do CCJF. A proposta do espetáculo foi justamente resgatar essa memória afetiva coletiva, transformando o palco em um espaço de celebração da história da música brasileira e da influência desses artistas na cultura nacional.

O entusiasmo do público também foi lembrado por Gustavo Fernandes, fundador, produtor e guitarrista da *Banda Cadillac*. Segundo ele, um dos momentos mais marcantes da apresentação foi a interação de todos com o espetáculo. “Não há nada melhor para uma banda de música do que ver a plateia do teatro se levantar, dançar e cantar junto”, afirmou o músico. Fernandes destacou ainda que o espaço estava quase lotado e que o público acompanhou com entusiasmo sucessos consagrados de Roberto e Erasmo. “Interessante como quase todas as músicas sabemos cantar, no todo ou em parte, seja porque tocaram no rádio, na TV ou porque fizeram parte da nossa vida em algum momento. A plateia correspondeu plenamente”, comentou.

O guitarrista também destacou a estrutura do CCJF e a contribuição da equipe técnica do local para tornar um sucesso a apresentação. “O CCJF é charmoso e possui uma estrutura excelente, tanto o teatro em si quanto sua equipe administrativa e técnica. A ótima acústica e os equipamentos sonoros de alto nível contribuem muito para uma grande apresentação”. Ao final do espetáculo, segundo Fernandes, o público não conteve a animação. “Com a versão dançante de ‘Além do Horizonte’, o público se levantou para dançar, alguns foram até o corredor e à frente do palco para cantar com a banda. Foi uma noite memorável, que esperamos repetir muito em breve”, concluiu.

Uma das espectadoras do show concorda que quem acompanhou o espetáculo da banda pôde experimentar uma sensação nostálgica inesquecível. Solange Meireles ressalta a energia da apresentação e a conexão com o repertório. “Eu adorei o show. A banda é excelente e os cantores são muito bons, tanto o que cantou as músicas de Roberto quanto o do Erasmo. Confesso que amo as músicas românticas do Roberto, acabei cantando todas. Foi muito animado e passei uma noite muito agradável”, contou a espectadora. Amante da música e aluna de canto e coral, além de praticante de dança de salão, ela explicou que o repertório da *Jovem Guarda* foi o que a motivou a assistir à apresentação. “O show foi muito animado, dava vontade de sair dançando. A atmosfera ajudou muito, porque várias pessoas estavam interagindo e curtindo juntas. Amei ter ido e com certeza assistiria novamente”, disse.

Encerrando a noite, o espetáculo reafirmou a força das canções que marcaram a história da música brasileira. A *Banda Cadillac* proporcionou ao público uma experiência marcada por nostalgia, celebração e intensa participação da plateia, provando como os clássicos da *Jovem Guarda* continuam vivos na memória coletiva, atravessando gerações.

consequências graves e inaceitáveis.

A programação especial traz temas como memória, ancestralidade, denúncia, afeto e resistência, reunindo narrativas que partem da experiência vivida e das raízes culturais para pensar o presente.

Não perca! Confira a programação completa no nosso site, clicando [aqui](#).

A história do CCJF: agende sua visita!



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

O serviço de visita orientada é gratuito e o agendamento pode ser feito da seguinte maneira:



No hall de entrada do CCJF, o grupo Berimbau-Mulher fecha a temporada do Festival Ritmos Brasileiros no Verão 2026 mostrando toda a força feminina em apresentação que enaltece as manifestações culturais do Brasil

Berimbau-Mulher encerra o festival Ritmos Brasileiros no Verão 2026 com resistência e ancestralidade

No dia 12 de fevereiro, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu o show *Berimbau-Mulher*, uma apresentação que integrou a programação do festival *Ritmos Brasileiros no Verão 2026* e destacou a força feminina na música e na cultura afro-brasileira.

O espetáculo reuniu o som do canto, do atabaque, do pandeiro, do agogô e do berimbau em um encontro que celebrou ancestralidade e resistência em manifestações culturais como a capoeira. Com a presença de 12 mulheres — sendo elas: a mestrandia Juma, Andreza Gouvea, Débora Motta, Flávia Valença, Lucielena Dutra, Bárbara Ribeiro, Rosi Peixoto, Renata Rocha, Sandra Peixoto, Val Martins, Veronica Pereira e Zilá Lima —, o grupo apresentou clássicos como *Dona Maria do Camboatá* e *Marinheiro Só*, além de canções autorais como *Mãe África* e *Sou Seu Berimbau*.

Além da participação especial do percussionista Pedro Lima, a apresentação musical contou com uma *performance* marcante da artista Verônica Pereira, que representava o colo materno e a ancestralidade, enquanto o grupo cantava a composição *Foi no Valongo*.

As artistas de *Berimbau-Mulher* ressaltaram a importância da presença do grupo no CCJF no intuito de celebrar a potência das vozes femininas. “Foi emocionante ver a Justiça abrir os braços em seu saguão e, de forma tão generosa, permitir que cada pessoa tivesse acesso gratuito para pisar nesse chão e celebrar uma música que fala à alma e ao coração. Uma experiência que nos encheu de orgulho”, declarou Flávia Valença.

O festival reafirmou o compromisso do CCJF em promover atividades culturais gratuitas e diversas, capazes de aproximar o público de manifestações artísticas que carregam memória, identidade e ancestralidade. “O show *Berimbau-Mulher* reafirmou a roda como espaço de encontro, transmissão

para até 10 pessoas
[clique aqui](#)

Já para grupos de até 40 pessoas pelo e-mail: visitas.ccjf@trf2.jus.br

Refúgio para a mente, olhos e ouvidos no coração do Centro do Rio

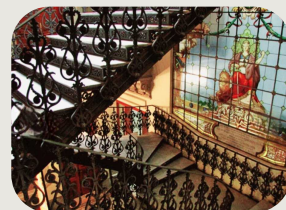


Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca está aberta ao público de **terça a sexta**, das 12h às 17h, exceto no recesso judiciário e feriados.

Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:

de saberes e criação coletiva”, afirmou a cantora e compositora Zilá Lima.



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Elaine Pauvalid Hamburger

*Acostumada, desde cedo, a ver o mundo com o olhar artístico, Elaine Pauvalid Hamburger é a convidada da série **Por dentro do CCJF** deste mês. Servidora que atua no Setor Educativo e Exposições, ela conta sobre a rotina de trabalho no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), a carreira e os momentos profissionais inesquecíveis. Dá gosto de ler. Confira a entrevista completa a seguir:*

VITRAL CULTURAL: O que te fez escolher a profissão, e além disso, ingressar na carreira pública?

Elaine Pauvalid: Desde cedo, me relacionei com a literatura e a música por intermédio de minha mãe que sempre viu nessas linguagens um mundo interessante e me mostrava isso diariamente com empolgação. Nasci em 1970, e vivemos sob ditadura até 1985. O mundo convencional era cinza, aterrorizante e triste. Já o mundo que os artistas e a literatura traziam era colorido e valorizavam a imaginação.

Em 1994, ainda me formando em Psicologia na Universidade Federal Fluminense (UFF), já me identificava como artista, e precisava me sustentar. Como sou de uma família de funcionários públicos, entendia que era um caminho seguro financeiramente e me possibilitaria dedicar-me à arte e à literatura paralelamente. Então, prestei concurso para o Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2) e ingressei no quadro em 23 de fevereiro de 1995.

VITRAL: Há quanto tempo você trabalha no CCJF e quais suas principais funções?

Elaine: Estou no CCJF há quase dez anos. Ao longo dessa trajetória, atuei inicialmente na área de Contratos Culturais. Em seguida, assumi a chefia da Seção de Artes Cênicas e Audiovisual e, em 2021, me tornei Diretora de Cultura, cargo que ocupei até abril de 2025. Atualmente, integro o Setor Educativo e Exposições, onde trabalho no planejamento e na montagem das mostras.

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal...

Elaine: Quando olho para minha trajetória no CCJF, uma frase me vem à cabeça: foi tudo memorável! Alguns momentos, porém, brilham de forma especial. Um deles foi o evento que realizamos em 2022: *O Caso Olga Benário: O Supremo Tribunal*



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)

Curiosidades do CCJF: você sabia?



Você sabia que o Centro Cultural Justiça Federal é o 1º centro cultural do Rio a ter um meliponário?

Localizado no jardim do CCJF, o meliponário é um marco na preservação das abelhas melíponas — espécies nativas brasileiras e sem ferrão. A iniciativa integra o *Programa Clima de Mudança*, criado pela equipe do CCJF, e reafirma o compromisso da instituição com a sustentabilidade, a biodiversidade e o combate às mudanças climáticas.

Federal e o Habeas Corpus n° 26.155/1936, que está disponível em nosso canal do YouTube. Também guardo com muito carinho todas as edições do *Seminário Mulher, Poder e Democracia*, cujos registros igualmente podem ser acessados por lá.

Mais recentemente, em 2025, tivemos a exposição Gabinete Selaron de Curiosidades. Além de ter sido uma honra sediar as obras desse artista tão significativo para o Rio de Janeiro, a mostra foi a mais visitada do ano, gerando grande repercussão na mídia e projetando ainda mais o CCJF e o talento do chileno Jorge Selarón — um artista que, apesar de consagrado, ainda precisa ocupar com frequência espaços institucionais como o nosso.

Links:

O Caso Olga Benário: O Supremo Tribunal Federal e o Habeas Corpus n° 26.155/1936:

<https://youtube.com/@centroculturaljusticafederal?si=deTcqZbTZGSEnly->

Sobre a exposição Gabinete Selarón de Curiosidades:

<https://ccjf.trf2.jus.br/sobre-o-ccjf/noticias/abertura-da-exposicao-gabinete-selaron-de-curiosidades-no-ccjf-atrai>

O espaço mantém três caixas de espécies adaptadas ao ecossistema das cidades: dois enxames de abelha Jataí e um da Iraí. Mais do que uma ação ecológica, ele funciona como uma ferramenta para a educação ambiental e a conscientização dentro do cenário urbano.

A visitação do meliponário é gratuita e pode ser realizada de terça a domingo, a partir das 11h.



Democracia se aprende

Por Maria de Oliveira, diretora da Divisão de Cultura do Centro Cultural Justiça Federal

"Espaços culturais não substituem instâncias jurídicas, mas contribuem para a formação de consciência crítica, condição indispensável para qualquer sociedade que pretenda se afirmar democrática."

Março costuma ser tratado como um tempo de celebração. Recordam-se conquistas, reafirmam-se direitos, destacam-se trajetórias que ampliaram a presença das mulheres na vida pública. A celebração é justa e necessária. Não esgota, porém, os sentidos da data.

Este ano, o mês é atravessado por episódios que expõem, de forma inquietante, a persistência da violência de gênero e a fragilidade de estruturas que deveriam proteger meninas e mulheres. Quando a violência se banaliza e o poder institucional é utilizado para constranger ou silenciar, não é apenas a vítima que sofre: é a própria confiança pública que se deteriora.

A ampliação da presença das mulheres nos espaços de poder é uma conquista histórica e inegociável. Ela corrige exclusões estruturais e amplia perspectivas na vida institucional. No entanto, a consolidação democrática não se esgota na representatividade formal. Exige também transformação nas práticas e nas culturas institucionais, assim como nos processos formativos que moldam nossa compreensão de autoridade e responsabilidade.

Enquanto persistirem padrões educativos que naturalizam hierarquias de gênero e associam poder à dominação, a igualdade permanecerá incompleta. A democracia depende não apenas de quem ocupa os cargos, mas também de como aprendemos, desde cedo, a exercer o poder e a reconhecer seus limites.

Marilena Chauí, filósofa brasileira que há décadas reflete sobre democracia e autoritarismo no país, lembra que ela não é apenas um regime político: é uma forma de sociedade. Sustenta-se, portanto, em processos formativos contínuos. Não basta garantir direitos em abstrato: é preciso formar sujeitos capazes de reconhecê-los, exercê-los e defendê-los com responsabilidade.

Nesse horizonte, a cultura ocupa lugar estratégico. É no campo simbólico que a violência pode ser nomeada, narrativas podem ser revistas e silêncios históricos podem ser rompidos. Espaços culturais não substituem instâncias jurídicas, mas contribuem para a formação de consciência crítica, condição indispensável para qualquer sociedade que pretenda se afirmar democrática.

A partir dessa perspectiva, insere-se a Mostra Mulheres em Cena, idealizada pela equipe da Divisão de Cultura do CCJF, mulheres atentas às questões do seu tempo, em um contexto marcado por conquistas importantes, mas também por desigualdades persistentes e pela violência de gênero, que continua produzindo consequências graves. A programação apresenta eventos diversos com temas como memória, ancestralidade, denúncia, afeto e resistência, articulando narrativas que partem da experiência vivida e das raízes culturais para pensar o presente. Nesse cenário, a cultura se afirma como espaço de elaboração e diálogo.

Ao reunir expressões artísticas diversas, a mostra propõe que celebrar as mulheres é também confrontar as estruturas que insistem em negá-las. É reconhecer a arte como um território de resistência e transformação, em que a experiência feminina não é reduzida nem romantizada, e tampouco silenciada.

Que março não se encerre no calendário, mas se traduza em compromisso contínuo com a democracia que ainda estamos aprendendo a sustentar.

